

Colunista Convidado

Malvine Zalberg é psicanalista e será responsável pelo curso "É proibido proibir?", na Casa do Saber, em abril

MALVINE ZALBERG

"A proximidade entre pai e filhos pode ser amorosa e divertida, mas não pode implicar a diminuição da 'distância salutar'. Se a palavra do pai não tem força, ela se torna menos efetiva"

ARQUIVO



A reinvenção do pai

A imprensa tem noticiado a reação de alunas de colégios tradicionais em São Paulo e Porto Alegre ao lhes serem negado o uso de bermudas curtas no âmbito escolar: assinaram um abaixo-assinado e fizeram campanhas na internet clamando pela "Liberdade aos shortinhos". As jovens alegam cerceamento de direito de escolha e expressão das mulheres. No caso do Colégio Rio Branco (SP), a diretora lamenta as alunas serem na decisão um ato discriminatório (bermudas com comprimento na altura do joelho fazem parte do uniforme obrigatório para alunos de ambos os sexos). Mostrando determinação face ao que considera como "os jovens só fazem o que querem", ela lembrou às adolescentes que "a vida é assim; tem regras".

Teria algum pai se manifestado face à exigência da sua filha para o uso de shortinhos (por causa do "calor") na escola? Os pais modernos procuram ser bons pais. Mas, seja pela fragilidade dos laços amorosos atuais, ou pelo fato de um quadragenário hoje ser jovem, eles procuram manter-se próximos dos filhos. Adotam os mesmos modos, colocando-se do seu "lado" (no contexto escolar, são mais adversários do que aliados dos professores).

Se estes aspectos indicam a presença do pai na vida dos filhos, não impedem o enfraquecimento do valor simbólico de sua palavra, instituído no próprio movimento do declínio do patriarcado, do qual a manifestação estudantil de 1968 de Paris — e de lá para o mundo — foi emblemático. Naquele momento da História, a palavra do pai perdia seu poder. Os movimentos anunciavam a nova era sob o lema de "É proibido proibir".

Uma das consequências desta nova organização social, com sua maior igualdade entre os sexos, pode ser testemunhada pela forma como os papéis masculino e feminino — atribuídos respectivamente aos pais e às mães — passaram a não mais necessariamente obedecer a normas fixas. Ora, não é porque o pai e a mãe têm os mesmos direitos, os mesmos deveres e os mesmos papéis em relação aos filhos que devem ter "uma só voz". O primeiro período da vida é de trocas de satisfações prazerosas entre a mãe e a criança. Uma instância exterior, em geral o pai, intervém e introduz uma primeira distinção, separando-as e distanciando-as da fase em que a "falta" não se inscrevia em sua vida (a criança mal chora, a mãe lhe oferece o seio, tão rápido que o bebê imagina que é ele que o faz surgir).

A proximidade entre pai e filhos pode ser amorosa e divertida, mas não pode implicar a diminuição da "distância salutar". Se a palavra do pai não tem força, ela se torna menos efetiva. Enfraquecer a alteridade instituída por ele é favorecer o individualismo e provocar uma referência cada vez maior ao materno, com inclinação para uma economia do prazer (imediatista), em vez da economia do desejo (que pede esforço para ser atingido). A demanda premente do jovem hoje é a de um pai que, assumindo as responsabilidades que lhe cabem, instaure com sua palavra a lei que abra para novos rumos. Que não tenha receio de dizer não, mas que diga sim também, de preferência não ao mesmo tempo. Para que os jovens de amanhã tenham esta alavanca de vida chamada desejo, que tal o pai de hoje se reinventar? ●